



@gente

revista digital de psicanálise

01



*Escola Brasileira de
Psicanálise - Seção Bahia*

@gente

revista digital de psicanálise • 01 • mar 2007

COMISSÃO EDITORIAL

:: COORDENAÇÃO

Marcela Antelo

:: COLABORADORES

Iordan Gurgel

Lêda Guimarães

Nilto Cerqueira

PROGRAMAÇÃO VISUAL

E EDITORAÇÃO

Adriano Oliveira

Editorial • MARCELA ANTELO	3
“Sou gorda” • LÊDA GUIMARÃES	4
Comentário de um caso clínico • ESTHELA SOLANO SUAREZ	10
A comida, inimiga da perfeição [Maldita comida!] • JANE LEMOS	16

Editorial

MARCELA ANTELO

O AGENTE DIGITAL estreia com um tema caro à época. O corpo que somos, como dizia Lacan, é protagonista desse número seja com a gordura como vestimenta da defesa seja com a defesa do sintoma ganhando ares de bandeira do coro de fêmeas cadavéricas que vocifera: maldita comida! e que faz as delícias de comunidades virtuais. Corpo erôgeno que ora se enche ora se esvazia e que fundamentalmente, fala os dialetos da língua contemporânea.

Em primeiro lugar publicamos para nossos leitores o relato de uma escuta e a escuta desta escuta com os efeitos que delas podemos extrair. O cenário dessas emissões orais foram a XII Jornada da EBP-Bahia e a VIII Jornada do IPB ocorridas nos dias 31/08 à 02/09/06, que sob a égide do *Declínio do amor* acolheram estes trabalhos.

Pretendemos através desta revista on-line inaugurar um diálogo com os interessados na psicanálise e áreas afins, cuja participação será bem-vinda.

“Sou gorda”

LÊDA GUIMARÃES

Karine chegou ao consultório, com idade em torno de trinta anos, apresentando-se através de um pedido que consistia numa condição de suportabilidade, e que dependia de uma ressalva em relação ao modo como o analista deveria operar. Ao ser interrogada sobre as razões da sua vinda, disse: “vim porque sei que preciso muito fazer análise”, “sempre precisei”, mas que levou muito tempo para reunir toda a coragem para se decidir a dar esse passo, mesmo já tendo bem antes buscado se assegurar das melhores indicações para fazer esta escolha. Justificou esse pedido apoiada numa posição subjetiva de um certo pavor controlado, dizendo que há mais de cinco anos havia iniciado uma análise na qual só pôde suportar permanecer em torno de quatro ou cinco meses. Não soube explicar exatamente o que determinou o insuportável dessa experiência, mas forneceu alguns indicadores, os quais levei muito a sério no acolhimento dessa demanda. Disse que se sentia encurralada com o modo de intervenção do

analista e com o fato de fazer as sessões deitada no divã. Disse também que passou a sofrer de uma doença psicossomática, o que lhe levou a precipitar sua saída. Chegou a considerar que essa doença teria alguma coisa a ver com essa experiência de análise, mesmo sem saber como justificar esta hipótese.

Acolhi sua demanda lhe oferecendo todas as garantias de que tudo faria para ter a delicadeza necessária para lhe deixar tranqüila. Iniciou-se um primeiro período de análise no qual, logo constatei que, o insuportável consistia em deixar aberta qualquer questão que tocasse de algum modo na posição subjetiva central que mantinha com o Outro em sua vida, questões levantadas por ela mesma ao longo da sua fala. Buscava logo uma resposta que lhe fornecesse uma significação fechada, formulando ela mesma uma resposta, ou pedindo que lhe ajudasse a encontrá-la; e sempre que não se sentia segura da resposta, lhe advinha o recurso da atuação. Digamos que esse período de análise consistiu numa “atuação dirigida”,

no qual a direção da cura serviu-se do cálculo relativo a que questões Karine poderia suportar esperar uma pequena pausa, sem uma resposta conclusiva imediata, instituindo um pequeno espaço de tempo entre a pergunta e a verificação da resposta através da atuação, para inserir uma nova pausa entre a atuação e o dito sobre a atuação, o qual só poderia advir na próxima sessão, ocasião em que tentava se assegurar de uma resposta formulada a partir do que buscou verificar em ato. Esta “atuação dirigida” consistiu, assim, no uso de uma primeira tática da analista para começar a introduzir, de forma muito sutil, uma pequena fenda no discurso desse sujeito, dentro dos limites da sua suportabilidade.

Ocupava-se nas sessões em falar sobre alguns assuntos. Falava de como “não sei dizer não” para as pessoas num sentido geral — seus pais, amigos e colegas de trabalho — assim como também, sempre oferecia seus préstimos aos outros, oferecia-lhes presentes, socorrendo-lhes em suas dificuldades financeiras

Diante do impulso que emergia numa tentativa para mudar sua posição frente ao Outro da demanda, instalava-se gradativamente um tempo de espera proposto pela analista, que o sujeito se esforçava em tentar suportar.

emprestando dinheiro; e acrescentou que as pessoas gostavam dela, já que ela sempre era amiga, divertida e agradável. Falava como vivia ocupada se dedicando aos seus pais, justificando que precisava ajudar sua mãe a cuidar do seu pai, o qual sofria de uma doença crônica. Falava como vivia atarefada, agitada, sempre correndo, trabalhando em vários lugares, e que mesmo ganhando razoavelmente pela remuneração dos seus trabalhos, “nunca tinha dinheiro”. Para não atrasar o pagamento das suas contas, habitualmente pedia empréstimos à sua mãe, mantendo-se constantemente em dívida com ela, sujeitando-se também às suas constantes críticas, considerando que ela

tinha toda a razão em fazê-las. Falava da sua compulsão para comer, de que vivia tentando fazer dieta sem conseguir, já tendo alcançado um peso muito elevado, bem mais além de cem quilos. Falava do seu noivo, com o qual iniciara o namoro um pouco antes do início da análise anterior, na qual veio a questionar se verdadeiramente gostava dele ou não. Resposta que acabou concluindo, logo depois que interrompeu aquela análise, decidindo noivar. A dúvida sobre o noivo então se inverteu, passou a não ter certeza se ele verdadeiramente lhe amava, e chegou a enunciar que passou a engordar cada vez mais para saber até que ponto ele seria capaz de continuar gostando dela.

Com estes dados podemos formular que este sujeito se mantinha sob o imperativo massivo da demanda do Outro, sujeição que não comportava um estatuto de insuportável, pelo contrário, se mantinha aí numa certa homeostase de gozo. Homeostase que não estava bem fixada, já que insistentemente, em seu próprio discurso, advinham questões em torno desta sua posição de gozo. Mas, exatamente, o que consistia no estatuto do insuportável era deixar estas questões em aberto. Karine enunciava este seu limite subjetivo dizendo que não suportava qualquer espera diante de qualquer coisa que sentisse muita necessidade, seja algo que precisava fazer, comer, saber ou falar.

Tal limite subjetivo indica que a interpretação como enigma não poderia resultar em ganhos, mais provavelmente como destroços, de maneira que a tática da “atuação dirigida”, relativa às perguntas levantadas pelo sujeito em relação às quais podia suportar uma pequena pausa, conjugou-se, desde o início, a um eixo traçado para a direção da cura neste caso: construir os meios para que este sujeito pudesse vir a formular, com o seu próprio modo de dizer, sua posição de objeto da demanda do Outro, através do trabalho laborioso da leitura do seu fazer em ato na vida. Uma leitura que lhe permitisse localizar o modo como aí se sujeitava, os resultados que obtinha, especialmente o preço que pagava com a sua vida e com o seu corpo. Leitura lenta, gradual, sem qualquer pressa, no ritmo em que suportava fazê-la, pois, na medida em que ia formulando uma leitura acerca desta posição, advinha-lhe um movimento de tentar deslocar-se dessa posição, mas sem ainda encontrar de forma imediata as condições devidas para fazê-lo. Assim, um novo tipo de pausa também foi sendo inserido pouco a pouco. Diante do impulso que emergia numa tentativa para mudar sua posição frente ao Outro da demanda, instalava-se gradativamente um tempo de espera proposto pela analista, que o sujeito se esforçava em tentar suportar.

Operou-se na estrutura desse sujeito o enodamento de uma cota de libido ao trabalho de leitura do seu fazer em ato na vida, empenhando-se de forma decidida neste trabalho. Este novo enlaçamento libidinal introduziu também uma manobra na transferência, o que levou a analista a estabelecer uma estratégia. Para não mais pedir empréstimos à sua mãe, numa tentativa de não se manter devedora e subjugada às suas críticas, passou a dever o pagamento das sessões. Mudança que a deixava muito aflita, propondo acordos sem conseguir saldá-los. A estratégia estabelecida foi deslocar-se da posição na qual ela esperava encontrar a analista, pois lhe surpreendia a sua posição de não criticá-la, de não fazer cobranças, mas de também não desconsiderar a sua dívida. Além disso, não deixava que ela se estendesse muito em sua fala neste assunto, para não permitir uma maior consistência da sua posição de devedora frente à analista, inclusive tranquilizando-a, em certos momentos de desespero, pois quando dizia “não sei mais o que devo fazer, deixei de dever a minha mãe para dever a você”, a analista retrucava dizendo que sabia que ela iria encontrar um modo de pagar mais adiante. Não aceitando, inclusive, a redução do número de sessões, nem a interrupção do trabalho por este motivo. Estratégia fundamental na transferência, articulada à direção da cura,

*A estratégia estabelecida
foi deslocar-se da posição
na qual ela esperava
encontrar a analista.*

que tinha como meta a redução do imperativo avassalador da demanda do Outro.

Uma frase se destacou desde o início, servindo como uma peça fundamental na direção da cura: “sou gorda, feia, nenhum homem vai me querer”. Frase sempre repetida em bloco, imutável, à qual Karine estava identificada, como uma significação fechada acerca do seu ser de mulher. Frase que sempre advinha quando pensava em terminar com o seu noivo, pois passou a constatar que não sentia por ele nenhuma paixão, nem admiração, nem tesão, mas que teria que se conformar com ele, pois era um homem bom, que tudo fazia por ela, e, principalmente, era o único que a queria.

Para tentar introduzir uma dialética articulada a esta frase, foi preciso que a analista aguardasse que Karine já tivesse iniciado uma leitura da sua posição de objeto à demanda da Mãe, inclusive já tivesse começado a formular o caráter intransitivo desta demanda, dizendo que a sua mãe com seus ditos, sempre lhe fazia se sentir em dívida,

culpada, exigindo que ela sempre seguisse suas orientações. Oportunidade que possibilitou à analista, diante da repetição dessa frase “sou gorda, feia, nenhum homem vai me querer”, perguntar: “quem lhe disse isso?”. Pergunta que Karine respondeu dizendo: “eu sou assim mesmo, ninguém precisa dizer isso, pois eu sei que sou assim”. Retruquei dizendo: “bem, mas me diga, já ouviu alguém lhe dizendo isso?”. Respondeu dizendo: “todo mundo diz”. Perguntei: “todo mundo quem? me dê um exemplo”. Então falou: “meu irmão e minha mãe”. Imediatamente encerrei a sessão dizendo de modo bem enfático: “ah... sim, agora você falou quem disse isso, foram seu irmão e sua mãe”. Em outra sessão mais adiante, quando voltou a repetir essa mesma frase “sou gorda, feia, nenhum homem vai me querer”, voltei a perguntar novamente: “quem disse isso?”. Respondeu: “já disse, meu irmão e minha mãe”. Pedi então que falasse em que circunstâncias tinha ouvido isso. Contou com detalhes, ao meu pedido, as várias ocasiões em que seu irmão, no início da sua adolescência lhe maltratava com essa frase, e concluiu, com a minha ajuda, que ele se sentia à vontade para lhe fazer esses mal-tratos, porque sua mãe permitia, pois ela vivia repetindo esta frase sempre para lhe criticar pela sua voracidade com a comida. Em outra sessão voltou a repetir essa mesma

frase: "sou gorda, feia, nenhum homem vai me querer". E novamente continuei insistindo com a pergunta: "quem lhe disse?". Ela responde: "minha mãe, já lhe disse que foi minha mãe". Então reafirmei: "sim, exatamente, você já me falou que foi sua mãe que disse essa frase". Ela então deu um passo mais adiante, enunciado: "é... e eu acredito nela, sempre acredito que tudo que minha mãe diz é verdade". Imediatamente, já abrindo a porta da saída, lhe disse: "é exatamente isso, você acredita que tudo que sua mãe diz é verdade". Retornou na próxima sessão perguntando: "Pois é, por que eu tenho que acreditar que tudo que minha mãe diz é verdade?". Pergunta que não dirigiu o sujeito para a busca de uma resposta imediata, mas que passou a funcionar como uma chave que começou a destituir o estatuto de verdade dos ditos da Mãe.

E o Pai? Como entrava aqui nesta história? Não entrava, pois dele nada falava por livre iniciativa, e desse modo, Karine não fornecia em seu discurso um estatuto de consistência ao Pai. A tática da analista, diante desta omissão, foi a mesma utilizada para a quebra do estatuto de verdade da demanda da Mãe. Quando muito eventualmente, se configurava uma oportunidade propícia, a analista perguntava: "e seu pai, o que disse?", ou "o que seu pai fez em tal situação?". Desse modo, a analista adotou uma

posição ativa, assentada num desejo férreo de não deixar escapar as pequenas oportunidades que surgissem para indicar, e avalizar, todo e qualquer dito do pai, ou ato do pai, que pudesse ser lido como um signo de amor, por mais ínfimo que fosse.

A direção da cura, assim estabelecida, resultou depois de três anos de tratamento em efeitos cruciais na amarração sintomática. Quando a frase "sou gorda, feia, nenhum homem vai me querer" trepidou em seu estatuto de verdade, Karine iniciou uma dieta, que vem mantendo ao longo dos dois últimos anos, emagrecendo de forma lenta e gradativa. Passou também a se olhar no espelho, embelezar-se, o que não fazia antes, pois tinha uma posição de desprezo em relação à sua imagem. Acabou vivendo uma paixão avassaladora, como nunca antes havia experimentado, com um homem muito bonito e atraente para seu desejo. Paixão que terminou de modo muito traumático, por ter sido encerrada por decisão dele. Algum tempo depois terminou o noivado que em nada mais lhe servia, e passou a se ocupar com o desafio de enfrentar o encontro com os homens.

Nestes dois desenlaces amorosos, a doença psicossomática, que havia espaçado e reduzido a intensidade das crises, e já tinha entrado em um longo período de inatividade, ressurgiu

de forma aguda, pois este sujeito, nestes dois momentos, tentou assumir em ato uma separação radical à demanda da mãe, separação que ainda não tinha as devidas condições subjetivas para sustentar. De modo que, nesses dois momentos, ao mesmo tempo em que o sujeito trazia para o campo do dito sua vontade de querer recuar, e voltar a se abrigar nas orien-

Quando a frase trepidou em seu estatuto de verdade, Karine iniciou uma dieta, que vem mantendo ao longo dos dois últimos anos, emagrecendo de forma lenta e gradativa.

tações que sua mãe lhe oferecia para a sua vida, por outro lado, formulava também no campo do dito toda a dor de um trabalho de luto por não mais conseguir alojar-se aí.

Há mais de um ano, deixou de morar na casa dos seus pais, "descobrimo" que eles não precisam dela para viver. Saldou gradativamente a dívida financeira com a analista, e há mais de um ano vem pagando regularmente suas sessões em dia.

O estatuto do Pai foi sofrendo uma mudança gradativa em seu discurso ao longo da cura. No início era referido como aquele que nunca lhe apoiava diante da sua mãe, portanto, dele nada poderia esperar. Consistência do pai já concebida como aquele a quem cabia fazer barreira ao imperativo da demanda da mãe, mas enquanto que falhando no cumprimento deste seu estatuto simbólico.

O estatuto do Pai passou a receber uma maior consistência sintomática, quando veio a formular que ele era um covarde, pois ele não tinha coragem de enfrentar a sua mãe, enquanto homem diante de uma mulher, nos assuntos que diziam respeito aos dois como casal. Localizou ai um uso sintomático do Pai, fundado numa identificação ao Pai, sustentada

Quando Karine veio a formular sua identificação à posição de covardia do pai, passou a enunciar também a sua covardia em nunca ter disputado com sua mãe o amor do seu pai.

na mesma posição de sujeição frente à demanda da mãe.

Numa recente sessão ocorreu uma virada subjetiva essencial que mudou radicalmente sua posição diante da mãe, assim como pôde também fornecer uma nova consistência ao Pai na amarração sintomática. No início desta cura, quando enunciava "sou gorda, feia, nenhum homem vai me querer", chegou a dizer que jamais teria condições de disputar com sua mãe, pois ela sempre havia afirmado o seu lugar de ser a mulher mais bonita dentre as outras que a circundavam. Quando Karine veio a formular sua identificação à posição de covardia do pai, passou a enunciar também a sua covardia em nunca ter disputado com sua mãe o amor do seu pai, pois sempre preferiu a priori deixar este lugar exclusivamente para ela. A virada fundamental ocorreu quando ela veio a dizer, tomada de grande surpresa com aquilo mesmo que enunciava: "eu nunca disputei com minha mãe porque eu sabia que poderia ganhar dela". Diante da sua perplexidade, aproveitei imediatamente para completar o resto da sua frase dizendo: "porque sabia que poderia ganhar o amor do seu pai". Ao que ela confirmou: "é isso".

Nas sessões seguintes, tomada de grande perplexidade, passou a se ocupar em dizer da mudança que vem experimentando cotidianamente na sua vida. Dizia emocionada,

cheia de alegria, acerca do seu novo estatuto de ser: "tomei minha vida de volta", "agora sou eu quem decide qualquer coisa que eu queira fazer, é incrível, eu nunca tinha sentido antes essa liberdade de decidir". A cada sessão trazia alguma conversa que teve com sua mãe, para dizer da sua perplexidade por não mais se sentir afetada pelo peso das suas palavras. Diante da mania de criticar tudo que sua mãe tem, pode agora argumentar com serenidade, fazendo-a calar, ou rir acerca do que ela diz, brincar, mudar de assunto, ou ainda, se quiser, nem prestar atenção ao que ela está falando.

Na última sessão realizada, antes da escrita deste trabalho, disse que agora quer se ocupar em sua análise com três assuntos. A cada enunciação dos seus novos objetivos em análise, retifica na sua fala o estatuto do imperativo. (1) "Devo questionar". "Não, devo não, quero. Quero questionar aqui na minha análise". Introduz com esse novo modo de dizer uma questão sobre qual ramo de trabalho descartar da sua vida e qual privilegiar conforme seu desejo, dentre os vários campos de atuação profissional aos quais se dedica simultaneamente. (2) "Devo tratar da minha dificuldade com dinheiro. Devo não, quero tratar disso". Ao discorrer sobre esse assunto, vem a modular o dito "nunca tenho dinheiro", que até então tinha mantido como inflexível, para "não é que

eu nunca tenha dinheiro, porque venho pagado todas as minhas contas, mas nunca tenho dinheiro para mim, para as coisas que eu quero". (3) "Devo tratar. Devo não, quero. Quero tratar da minha relação com os homens". Disse que achava que estas três coisas podem ter uma relação entre si, algum elo associativo que não conseguia identificar. Decidiu a seguir na sua fala — sem pedir qualquer aval do Outro, deixando tranquilamente em aberto a questão central que supõe existir — iniciar o tratamento destes três assuntos falando da relação com os homens: "Quando eu vim aqui, pensava que você tinha a senha para que eu pudesse obter uma fórmula de como me relacionar com os homens. Hoje já não acredito nisso, só um pouco, ainda". Passou assim, a partir desta sessão, a se apresentar diante da analista neste

seu novo modo discursivo, agora como uma histérica que acabou de se constituir enquanto tal, na amarração sintomática do amor ao pai. Amarração que, como disse Lacan no Seminário *L'insu*¹, faz consistir o inconsciente. E Karine seguiu assim falando, associando espontaneamente: "Quando eu falei a palavra 'senha', isso me faz pensar em enigma, algo secreto, que eu não tenho acesso; assim penso que seria você quem poderia me fornecer esta senha; mas a palavra 'senha' também me faz pensar em algo proibido, que eu não tinha o direito de ter".

1. Lacan, J. *L'insu qui sait de l'une-bévue s'aile à murre*, 14/12/76, inédito.

Comentário de um caso clínico*

ESTHELA SOLANO SUAREZ

É um relato clínico formidável. Com a apresentação desse caso, Lêda nos deu uma lição de clínica. Eu estudei o caso, recebi-o no Rio, mas lá estive muito ocupada e não tive tempo de estudá-lo; porém, hoje eu me consagrei à sua leitura e, então, vou comunicar-lhes minha leitura.

PRIMEIRO TEMPO: A PACIENTE SE APRESENTA

No primeiro tempo, consideremos como se apresenta esta paciente de trinta anos, que vem solicitar uma análise a uma analista. Em primeiro lugar, aparece uma condição: Ela chega impondo uma restrição à maneira

como a analista deverá operar com ela. Uma experiência analítica anterior tinha-lhe resultado intolerável; sentiu-se encurralada pela maneira de intervir do analista e, também, porque tinha que ficar deitada no divã. Dá a impressão que a experiência de falar com um analista é uma experiência muito difícil que produz nela certo pavor, controlado, diz Leda. Esses elementos foram levados a sério, muito a sério, pela analista. Esses dados indicam, desde a primeira entrevista, o modo sintomático da relação desta paciente com o Outro, Outro a quem ela dirige uma demanda dizendo: “Peço que você me responda, mas que você responda como eu decido. Você tem que me permitir, e aceitar, que eu domine, quer dizer, que eu possa controlá-la, para que nada do que você disser, ou fizer, seja imprevisível para mim. E, sobretudo, nada de surpresas”.

A resposta da analista, tal qual reportada por ela, foi a de consentir com a demanda,

“oferecendo-lhe garantias de que faria o possível para ter a delicadeza necessária para que se sentisse tranqüila”. Quer dizer que, de entrada, a analista reconhece a singularidade da paciente, sua singularidade sintomática. E, diante desta singularidade, ela se torna dócil para poder ocupar, para a paciente, o lugar de parceiro-sintoma; e para que uma análise seja possível, para que a partida de xadrez da psicanálise possa começar.

Entramos, assim, na primeira etapa deste tratamento, que eu consideraria a etapa do desdobramento do sintoma. A analista diz: “Constatai que o insuportável consistia em deixar sem resposta qualquer questão que indicasse de algum modo a posição subjetiva central que mantinha com o Outro”. A paciente queria obter uma resposta rápida, imediata “... que lhe fornecesse uma significação definitiva e toda vez que não se sentia segura da resposta, recorria a uma atuação”. O que é que,

*. Esthela Solano Suarez (psicanalista da AMP e da École de la Cause Freudienne – Paris) comenta o caso clínico “Sou gorda”, apresentado por Lêda Guimarães nas Jornadas da EBP-Bahia e também publicado neste número do Agente Digital (p. 04).

nesta paciente, causa o insuportável quando não a obtém? Podemos supor que a exigência de uma resposta rápida é um modo de defesa diante da angústia. A resposta rápida, a significação definitiva, é o objeto que ela espera do Outro, que ela demanda ao Outro; em todo caso, o objeto apontado pela sua demanda.

Pode-se dizer que existiu um cálculo da pontuação na medida em que a pausa, introduzida aos poucos, entre o que ela solicitava e a resposta dada, neste caso, teve o valor de uma pontuação muito especial, o valor do que num texto escrito é introduzido pelas vírgulas.

Qual foi a manobra da analista diante desta exigência sintomática? Precisamente, não responder ao que a paciente exigia, mas, ao mesmo tempo, não contrariar esta exigência. Qual a manobra da paciente ao exigir a resposta-objeto? Foi instalar a demanda no lugar da falta do Outro para recobrir a hiância

desde a qual o objeto pode fazer signo de outra coisa, isto é, de causa da falta. Aqui, a demanda vem recobrir a falta do Outro. Para não haver falta alguma, é preciso que o universo da demanda, e da resposta rápida esperada, não dê lugar a nenhum signo proveniente do objeto, não como objeto apontado pela demanda, mas como objeto causador da falta, quer dizer, o desejo. A estratégia da analista, “uma atuação dirigida”, como ela a designa, consistiu em que? Em um cálculo da pausa, do intervalo. Pode-se dizer que existiu um cálculo da pontuação na medida em que a pausa, introduzida aos poucos, entre o que ela solicitava e a resposta dada, neste caso, teve o valor de uma pontuação muito especial, o valor do que num texto escrito é introduzido pelas vírgulas.

SEGUNDO TEMPO: ESTRATÉGIA DO EU

No segundo tempo do tratamento, desdobra-se a estratégia do Eu, a “Eucidade”, o Eu como senhor absoluto. Não aceitando a falta, nem o intervalo, que é precisamente o lugar privilegiado da emergência do enigma do desejo do Outro, ela desdobra seu Eu numa estratégia que consiste em completar permanentemente o outro, os outros, sempre se fazendo a metade do outro, metade imprescindível. A paciente diz: “Não sei dizer não”

aos pais, nem aos amigos, nem aos colegas. Demonstra constantemente a sua abnegação, zelo, dons, todas as virtudes do Eu. Oferece presentes, socorre os amigos emprestando-lhes dinheiro, é amigável, divertida, agradável. Ela sempre satisfaz os outros.

O que quer demonstrar com essa estratégia? Por um lado, que ela tem. E, por outro, que ela pode preencher todas as faltas. Com relação a seus pais, ela está sempre ocupada dedicando-se a eles e, principalmente, ajudando sua mãe a tomar conta do pai doente. Isto a obriga a uma movimentação interminável, vive correndo, atarefada, trabalha em vários lugares, incessantemente. Pode-se dizer que é um sujeito que está permanentemente numa dinâmica de trabalhos forçados. E é isto que sustenta seu ego. Com este modo de fazer sintomático, ela recobre, com o imaginário, com o ego, todo o real. Pode-se dizer que, neste caso, um dos Nomes do Pai, passíveis de serem isolados nesta paciente, é a consistência imaginária do Eu.

Aparece um objeto privilegiado: o dinheiro. Ela trabalha muito, ganha um salário razoável, mas nunca tem dinheiro. Então, o que é que acontece com o dinheiro? Ele entra como objeto fundamental em sua relação, em sua estratégia sintomática, com o outro. Aqui constatamos algo que seria da ordem do fracasso

da contabilidade, fracasso da estratégia de preencher a falta, já que, no final das contas, a falta se abre diante dela. Não tem, neste caso, dinheiro. Nessas condições, pede dinheiro a sua mãe, quer dizer, que a mãe tem o que falta a ela. Porém, dessa forma, ela entra no circuito infernal da dívida.

O que a dívida implica? Que no bolso da mãe falta o dinheiro que ela deve. Isto é, através da dívida ela introduz a falta na mãe. Operação sem fim. Essa dívida, ou seja, a falta, o menos, que ela introduz do lado da mãe, é a causa e a origem da recriminação e das críticas da mãe, que ela alimenta. Em outras palavras, a dívida sustenta a voracidade sem limite do Supereu. Pode-se dizer que esta paciente não devora, ela é devorada; que dali vem sua compulsão de comer, e também o insuportável da espera, quando ela tem que fazer, quando tem que comer, quando tem que saber, ou quando tem que dizer. E por quê? Precisamente porque

*O que a dívida implica?
Que no bolso da mãe falta
o dinheiro que ela deve.
Isto é, através da dívida ela
introduz a falta na mãe.*

o objeto causa do desejo, estando sempre submerso pela demanda, produz como consequência que a falta falte. Nessas condições, o objeto alimenta o empuxo ao gozo próprio do Supereu. Como fazer para que ela possa ler sua posição e introduzir um princípio de leitura em seu gozo sintomático?

TERCEIRO TEMPO: MANOBRA DA TRANSFERÊNCIA

A manobra da transferência consistiu em aceitar a dívida, a falta, aceitar que o menos se inscrevesse, dessa vez, do lado da analista. O resultado desta manobra foi, no campo dos afetos, uma aflição, a de não poder cumprir, de não poder satisfazer à analista. Por outro lado, uma surpresa: não recebeu recriminações nem exigências como resposta. Reconhecendo a dívida, tolerando-a, sem anulá-la, a analista aceita que a paciente a descomplete; isto é, aceita ser para a paciente, um Outro incompleto, um Outro barrado. A manobra agiu aceitando que no lugar da analista o objeto-dinheiro se inscrevesse como uma promessa, como um objeto que se conta e se desconta, como um objeto contabilizado, e não como uma substância exigida, como uma condição para recebê-la, assim fez passar o objeto e o gozo do objeto-dinheiro, do lado da contabilidade,

deixando vazio o lugar do Outro que estava obturado pelo objeto.

Nessas condições, a analista encarnou a inconsistência do Outro, que no ensino de Lacan se escreve $S(A)$. Esta inconsistência do Outro consiste em fazer escutar na enunciação o seguinte: “Eu não gozo do dinheiro que você me dá, nem gozo do dinheiro que você não traz, eu não exijo vorazmente que me encha o ventre com dinheiro, eu não o exijo, não o quero tirar de você”. Isto deu lugar a uma mudança radical na posição do sujeito, e em antes e um depois podem ser lidos nesta cura, o que se verifica, *après coup*, que esta manobra foi um verdadeiro ato analítico. Em primeiro lugar, como consequência desta manobra, encontramos o que eu chamaria de ruptura da consistência imaginária do seu cogito de gozo, cujo enunciado fundamental era uma ladainha: “Sou gorda, feia, *ergo* nenhum homem vai me querer”. Este enunciado insistia permanentemente no seu dizer. Nele encontramos um nó; este enunciado enoda a consistência ideativa do seu corpo, o que Lacan denomina a consistência ideativa do corpo, que é o ego, como gorda e feia; e um significante mestre, um S_1 , gorda e feia, que é seu nome de gozo. Esse nó não é um nó de recalque, um nó consecutivo ao recalque, ao que Freud chama de repressão, e sim um nó que indica uma posição de defesa

do sujeito. Uma forte insistência da analista foi necessária para introduzir uma escuta que permitisse romper com esse enunciado, quebrar a consistência do enunciado.

Primeira pergunta: “Quem lhe disse isso?” — isto implica não acreditar que é ela quem o diz. Resposta: “Todo mundo diz”. “— Todo mundo quem?” “— Meu irmão e minha mãe”.

Isto é muito bonito, porque indica que, para esta paciente, o que constitui o mundo são o irmão e a mãe; e que esse mundo é um ser de três: a mãe, o irmão e ela, três que fazem um só; um só que resulta num “Eu sou isso, gorda e feia”.

Neste terceiro tempo tento, precisamente, isolar, no lugar da enunciação, a voz enunciativa deste juízo, que nem era tanto o irmão, e sim a mãe: “Sempre acredito em tudo que minha mãe diz sobre mim”. Ali aparece isolada a função da crença. Crer no que a mãe diz é, não somente crer que ela pode dizer algo, que é a crença em que se apóia a suposição do Sujeito suposto Saber, mas que também implica, para a paciente, acreditar nela. Acreditar ela e acreditar nela são propriamente aquilo que faz do parceiro amoroso parceiro-sintoma. Isto permite ler o enunciado de uma outra maneira: Se eu sou gorda e se eu sou feia, então nenhum homem vai me querer; portanto, eu vou poder ficar sempre junto da minha mãe, sem lhe fazer

*Isto permite ler o enunciado
de uma outra maneira:
Se eu sou gorda e se eu
sou feia, então nenhum
homem vai me querer;
portanto, eu vou poder ficar
sempre junto da minha
mãe, sem lhe fazer falta.*

falta. Isto quer dizer que ela consentiu com esse enunciado fundamental, cuja verdade comporta querer ficar nesse lugar do lado da mãe.

QUARTO TEMPO: O PAI ENTRA EM CENA

Nova estratégia da analista, que consiste em não deixar escapar as pequenas oportunidades que se apresentam, para indicar e avaliar qualquer enunciado ou ato do pai que possa ser lido como signo de amor. É uma estratégia que compreende duas pontas, duas vertentes. Por um lado, aponta para a descrença nos ditos da mãe, o que faz des-consistir a mãe. Por outro lado, faz valer o signo de amor como signo da presença do pai. Tendo introduzido deste modo a presença do pai, o passo seguinte, como conseqüência da introdução desta presença, é que o pai aparece, para a paciente,

como um homem, o homem que ele é ao lado da sua mulher. Aparece, então, que ele é um homem que renunciou ao desejo, refugiando-se na doença para ser objeto dos cuidados da sua mulher. A paciente, que nessa altura já foi introduzida ao princípio da leitura, deduz, da posição do pai como homem, uma posição de covardia fundamental diante do desejo. Submetendo-se à demanda de sua mulher, esse pai era um pai que anulava o desejo. Covardia, então, é um significante mestre neste caso, a covardia do pai que, como Lêda diz, caracteriza um uso sintomático do pai para esta paciente. A covardia é um Nome do Pai simbólico, do qual ela se torna solidária em uma posição de identificação, de submissão à demanda materna.

Qual é a estratégia do sujeito ao aliar-se à covardia do pai, tornando-se um com o pai? A estratégia é cobrir com seu sacrifício, e com sua oblatividade, a impotência e a castração do pai. Ademais, fazer-se amar pela mãe respondendo à sua demanda, coloca a mãe no lugar do que é preciso satisfazer sem limite. Por um lado, para não arriscar a rivalidade com ela, satisfazer a mãe para não aparecer, sobretudo na mãe, a mulher, a mulher ciumenta. Desse modo, aliar-se à covardia do pai, fazer um com a covardia do pai, seria uma estratégia de rechaço da feminilidade, quer dizer, de não querer saber

nada desse lugar do desejo e do gozo feminino, onde nenhum Nome do Pai pode dar sentido.

O CAPÍTULO DOS HOMENS

Primeiro, ela tem um namorado desvalorizado; nem amado nem desejado. Porém, pode-se dizer que é um namorado perfeito, já que ele permitia que ela continuasse com a sua estratégia, quer dizer, continuar como filha consagrada à demanda da mãe e, desse modo, do lado da paciente nada da mulher aparecia. Vestir-se de gorda, então, era também uma defesa diante da feminilidade.

QUINTO TEMPO: OS EFEITOS TERAPÊUTICOS

A paciente deixa sua vestimenta de gorda e faz regime, o que indica que a análise teve efeitos sobre o corpo. Ela agora pode assumir um corpo feminino, pode assumir um corpo que seja causa de desejo dos homens, dos quais ela estava protegida pela gordura. Ela agora pode ir embora para sua casa, deixar a casa dos pais e, Oh surpresa! Ela descobre que nesse lugar ela não era indispensável. O nó fundamental do sujeito não se desata quando ela se desata da demanda materna. Isso permite a certeza, precisamente, de que não estamos diante de

um caso de psicose. Por não se desfazer o nó do sujeito - o que amarra o real, o simbólico e o imaginário -, quando ela se desfaz da demanda da mãe, temos a indicação que neste sujeito a função de enodamento, como função de nominação e função do pai, não está ausente. Caso contrário, ao sair da casa da mãe, o real, o simbólico e o imaginário poderiam ter-se soltado completamente.

Ela adquire a possibilidade, enorme, de um saber fazer com o que a mãe diz. Agora pode escutar à mãe sem sofrer; quer dizer, cessa de se escrever o valor superegóico da palavra da mãe, cessa de se escrever o gozo de alíngua, para que a palavra da mãe adquira, para ela, um outro sentido diferente daquele sentido gozado anteriormente.

Como efeito terapêutico fundamental, por assim dizer, pode-se constatar que a paciente se livrou de um peso enorme, do peso dos seus quilos, no registro imaginário, no que diz respeito ao corpo; do peso das palavras da sua mãe, no simbólico; e do peso da “gorda”, enquanto nome mentiroso, o que lhe permite manter uma outra relação com o objeto. Ademais, sabemos que viveu uma paixão avassaladora, o que indica que não mais se defende de um encontro com um homem. Posicionou-se como outra para ela mesma, tomando posse do seu corpo e decidindo os seus

Vestir-se de gorda, então, era também uma defesa diante da feminilidade.

atos, não em função de uma vontade alheia, e sim do seu próprio querer; o que mostra que seu desejo, seu querer e sua vontade não mais se encontram desunidos. Agora ela quer o que deseja; isto indica que a análise introduziu para ela uma disfunção entre o dever como vontade superegóica e o desejo.

SEXTO TEMPO: O QUE FICA PARA RESOLVER

A paciente diz nas últimas sessões que ela tinha uma crença de que a analista tinha a senha. A senha é o saber de uma fórmula para se relacionar com os homens. Podemos dizer que ela nos comunica que acredita que a analista tem a fórmula da relação sexual. Esta crença é solidária da transferência, é uma crença sob transferência, quer dizer que é uma crença solidária do Sujeito suposto Saber, uma crença no SsS que é precisamente sustentada pelo Nome do Pai. Ela diz que não acredita completamente, mas que acredita um pouco, e

que isso que ela acredita é um enigma, a senha é um enigma. Este comporta para ela uma sorte de segredo que lhe é vedado. Acredita, sob transferência, que a analista conhece o segredo da feminilidade e que a analista conhece o segredo da relação sexual.

Além dos efeitos terapêuticos desta análise, a paciente terá que desacreditar nesta crença. A respeito desta ilusão ela terá de se confrontar com a desilusão. Esta desilusão implicará também a queda do SsS. Isto implicará ter que verificar, a partir da sua análise, que este impossível é um impossível fundamental e que nenhum outro suposto saber tem a chave das relações entre homens e mulheres. Ela só poderá ter acesso a um saber sobre a verdade do objeto causa do desejo, do objeto que sustenta

a crença na existência da senha, e terá de saber que esta senha é impossível de se escrever.

O que é possível dizer da posição deste sujeito, com todos os elementos que Lêda nos comunicou? Perguntemo-nos: qual é o modo de fazer sintomático desta paciente? O modo de fazer do qual sofria, aquilo que ela trouxe para análise, era um modo de fazer incorporado ao seu eu, formando parte de certa homeostase do gozo, como disse Lêda, e por isso, difícil de ser isolado. Um modo de fazer com a demanda e o desejo, que ao mesmo tempo constituía um modo de defesa típica da neurose obsessiva. Este modo de fazer comportava um predomínio dos efeitos imaginários que recobriam o simbólico e o real, o que fazia dela uma quase débil mental; com a dificuldade no

começo do tratamento, que Lêda nos comunica, de como fazer para tirá-la da debilidade mental e iniciá-la no princípio da leitura do seu inconsciente. Parece-me que neste sentido ela saiu dessa posição de débil mental e que a análise permitiu um deslocamento importante. Agora, o que ficaria realmente para analisar é precisamente esse nó que ela apresenta no final do seu percurso. Com certeza ela terá de fazer a leitura deste surgimento dos signos do real na superfície imaginária do corpo, signos impossíveis de serem articulados em um saber; da impossibilidade, para ela, da dificuldade, para ela, de se separar. Aparecerão, ou não, estes signos, quando ela tiver que dizer que, finalmente, também se separará da sua parceira analista?

A comida, inimiga da perfeição [Maldita comida!]

JANE LEMOS

Realmente a única coisa que quero é

ANA COMIGO SEMPRE!!!

Vou ser linda, vou ser magra, vou ser gente.

(Mya Princess, blog PRÓ ANA.MIA IS MY OBSESSION)

Adolescentes anoréxicas e bulímicas reúnem-se em blogs e comunidades do Orkut para se apoiar e competir na permanência do sintoma. Elas se apresentam frequentemente como “Ana” (para casos de anorexia) e “Mia” (para casos de bulimia) ou holofraseiam seus verdadeiros nomes, o que revela a identificação a este novo tipo de sintoma a partir do rompimento com o Outro e da apropriação de uma cena do mundo na construção da identidade. Sendo a faixa etária entre 15 e 19 anos, observa-se que esses sintomas surgem primordialmente na adolescência, o que dá uma pista de que algo relacionado ao encontro com o sexual acontece

ou curto-circuita a imagem corporal.

Anas e Mias compartilham, em seus diários, dietas para emagrecer conhecidas como no food e truques para “miar”, isto é, vomitar, sem que a família perceba. Nas mensagens postadas no fórum da comunidade EU TENHO BULIMIA, por exemplo, encontramos “dicas para miar melhor”, do tipo:

Use marcadores, como Doritos, antes das refeições, quando você ver o laranjado já sabe que tudo saiu; [...] Depois de vomitar, não escove seus dentes, além dos ácidos, a pasta de dente pode danificar ainda mais o esmalte dos seus dentes, enxágüe apenas com água sua boca; [...] qd for miar...ligue o chuveiro para abaixar o som das miadas e tome banho em seguida, e leve o rádio para o banheiro...

Elas também evidenciam sua demanda de amor em torno do que dizem das relações

familiares – a mãe que não dá atenção ou prefere outro filho, a mãe que vigia, pega no pé, sempre a mãe. O pai é ausente nesses relatos. Tendo em celebridades do mundo da moda os seus símbolos e o sustentáculo ao discurso do corpo perfeito, são eleitos parâmetros de peso que conduzem progressivamente à morte, ao ansiado limite pele e osso. O limite da recusa à demanda do Outro. Assim, desafiam a morte arriscando o corpo para barrar o gozo. Em outra comunidade, MINHA OBSESSÃO [ANNA/MIA], há no fórum o seguinte texto: “Angélica tem ana? [...] o q será que ela fez para secar tão rápido depois da gravidez? Adriane Galisteu perdeu 11 kg em 1 semana! Se elas podem tb podemos!!!”. Nessa busca do corpo perfeito, fazem circular pelos blogs e comunidades fotos de editoriais de moda com modelos anoréxicas, normalmente acompanhando as fotos por frases como “perfeição”, “cheguei lá”, etc.

Várias tentativas foram e estão sendo empreendidas para censurar a criação de sites com esse perfil e alguns tiveram mesmo que sair do ar, sob o argumento de que incitavam à anorexia e à bulimia entre adolescentes. Fabián Schejtman chama a atenção para a ingenuidade de se pretender, pela força da lei, controlar esse modo de gozo, e exemplifica com a lei que obriga as confecções femininas a dispor de todos os tamanhos de roupa. A estratégia de marketing dessas marcas consiste em “não ter tamanhos grandes, isto é, se propõe uma roupa para as que têm um corpo fálico delgado”, diz Fabián¹. E acrescenta:

Lacan delinea as grandes inovações que produziu a ciência no nível do gozo, fundamentalmente a partir da extensão e proliferação dos objetos a [...] podemos pensar então todo o campo da imagem em relação a essa mirada [...] a imagem se converte no lugar do qual somos mirados. A tela da televisão como o ponto ideal desde o qual o sujeito é mirado.²

E, agora, a “tela” da internet. A partir dessas considerações, gostaria de problematizar

1. SCHEJTMAN, Fabián et al. *Anorexia y bulimia. Síntomas actuales de lo femenino*. Buenos Aires: Producción Editorial, 2003. (Serie del Bucle), p. 104.
2. Idem, ibidem.

alguns pontos acerca do que a observação dessa chamada sociabilidade no ciberespaço pode proporcionar ao estudo dos sintomas contemporâneos.

A essência do que veio a ser chamado cibercultura é [...] a não-totalização.

O VIRTUAL É REAL

Tomando-se o real enquanto presença dentro de um espaço e tempo, temos que o virtual desliza numa espécie de co-presença desterritorializada ou no campo das representações. Frequentemente o virtual é associado à irrealidade ou ao imaginário, enquanto a realidade seria a presença tangível. Ou se é real ou virtual. O filósofo Pierre Lévy³, no entanto, em seu livro *Cibercultura*, insiste na não-oposição dos conceitos. A virtualidade seria um modo da realidade, existindo em potência, sem estar presente. O outro modo seria a atualidade, compreendendo o atual como um campo

3. LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2000. (Coleção Trans). p. 47-48.

nunca completamente predeterminado e que possibilita algo da invenção. Uma entidade virtual, um significante, do ponto de vista acústico e semântico, passa por atualizações diversas e particulares abertas ao imprevisto. O virtual multiplica as oportunidades de atualização do real, diz Lévy.⁴

A essência do que veio a ser chamado cibercultura é, a partir dessas reflexões sobre o virtual, a não-totalização. Uma universalidade de interconexões que se amplia e, ao fazer isso, menos se torna totalizável. Ao não possuir centro ou linha diretriz, constitui-se um “vazio, sem conteúdo particular. Ou antes, ele os aceita todos”⁵. Estrutura labiríntica digna de Jorge Luis Borges, que em *Ficções* já preconizava a livre circulação de textos, sem autoria, e o jogar com a identidade. Aqui vale contrapor a modernidade à dita pós-modernidade quanto a um projeto totalizante refletido no discurso das religiões universalistas, por exemplo. O autor da palavra revelada é a fonte da autoridade, o pai-norma. O sentido aqui é congelado, descontextualizado. No que seria o projeto pós-moderno, as grandes narrativas dão lugar ao contexto, ao quintal. Agora, é do quintal para o mundo, é o gozo do suposto “particular”, gozo

4. Idem, p. 88.
5. Idem, p. 111.

do Um. Os diários virtuais ou blogs, assim como as comunidades, pipocam nos furos desse universal que se pretendia total.

Apoiadas na interconexão, as comunidades virtuais proliferam na diversidade de interesses, dinamizando ou mesmo constituindo a chamada sociabilidade virtual. A comunidade virtual atualiza e reconfigura a realidade e é por ela reconfigurada, num movimento entre o exterior e o interior, o real e o virtual, que tem o efeito da banda de Moebius⁶. Por exemplo, signos de pertencimento são adotados, como uma fitinha vermelha no pulso esquerdo e sua representação gráfica no site indicando que se trata de uma Ana ou pró-Ana (quem quer emagrecer e vê na anorexia uma forma de dieta). Desse modo, a defesa do sintoma ganha ares de bandeira pelo direito ao que nomeiam como “estilo de vida”. Na rua ou na internet, Anas e Mias se reconhecem umas nas outras na evidência do sintoma. Não há enigma.

A despeito da internet propagar-se como uma ambiência que possibilita a cada um ter seu próprio espaço, mesmo que virtual, a circulação de imagens e certos textos em blogs e comunidades é um ponto que chama a atenção e problematiza essa questão do particular. No

Desse modo, a defesa do sintoma ganha ares de bandeira pelo direito ao que nomeiam como “estilo de vida”.

blog ANOREXIA E BULIMIA, ESTILOS DE VIDA! NÃO DOENÇAS!, a Srta. Anna, dona do blog, recebe comentários do tipo: “me ajude por favor, eu tenho 1.52 e 75 kg, eu sou uma porca nojenta, gorda, me ajude a emagrecer”. Ao mesmo tempo, fotos de mulheres muito obesas repetem-se nos sites com os dizeres “gorda nojenta” ou ainda “porca nojenta”. Os editoriais de modelos anoréxicas, que servem de paradigma, constituem uma espécie de identidade coletiva, demonstrando o achatamento da singularidade. O fato dessas meninas se nomearem Anas e Mias indiscriminadamente é outro dado, além de se referirem à anorexia como a “melhor amiga”. Em alguns blogs, a fitinha vermelha associa-se ao slogan “Amigas para sempre”. A *Carta da Ana*, escrita por uma delas e citada por várias, diz, num determinado trecho:

Agora, eu realmente estou dentro de você. Eu sou sua cabeça, seu coração e sua alma. As dores da fome, que você finge não sentir, são eu dentro de

você! Pois agora eu sou sua única amiga, eu sou a única que você precisa agradar!

Se é possível a emergência do particular em sujeitos imersos no discurso capitalista, é uma questão bastante polêmica e talvez reservada somente à clínica no trabalho com grupos monossintomáticos. Viganò⁷ assinala que a anoréxica “pensa que pode evitar o conflito entre o particular e o universal, por isso ela adere facilmente à proposta de encontrar-se com outras anoréxicas, de formar grupos na ilusão de poder coincidir com a dimensão universal”. Isso seria uma forma de ser incluído na sociedade, de pertencer ao sistema através do grupo, ressalta Viganò. Daí que a fitinha vermelha seja reproduzida graficamente em muitos sites como signo de pertencimento.

A espetacularização do sintoma é outro dado a considerar, que serve ao exibicionismo narcísico e à escopofilia. Quem está na internet quer ver e ser visto, por isso a profusão de sites com webcams 24 horas on-line, além dos fotologs, brinquedinhos narcisistas produzidos pela lógica do mercado.

6. LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

7. VIGANÒ, Carlo. Anorexia, bulimia. Conferência proferida em Belo Horizonte, ago. 1999. Transcrição de Célia Salles. In: *Transtornos alimentares: anorexia e bulimia*. v. 2. Brochura de curso, não publicada.

O VIRTUAL É VAZIO

Voltando ao vazio, gostaria de fazer algumas proposições a partir da idéia de que o virtual articula-se à paixão pelo vazio num gozo sem limite do sintoma. Pierre Lévy aponta que o virtual é vazio e por isso aceita todos os conteúdos. Heidegger dá o exemplo da jarra: quando enchemos completamente uma jarra, o líquido flui na jarra vazia. O vazio é o que acolhe⁸. É desse acolhimento que possivelmente se trata no ciberespaço povoado por essas comunidades. O acolhimento de um gozo que não se esgota; tanto o gozo não se esgota quanto o vazio é reinventado sem limite. Um vazio inominável e narcotizado. Massimo Recalcati vai dizer que

a clínica dos novos sintomas é radicalmente uma clínica do vazio [...] Não é o sintoma como satisfação clandestina do desejo inconsciente, como mensagem cifrada e lugar inconsciente do gozo, porém a experiência de um vazio que aparece dissociado da falta [...] expressão de uma dispersão do sujeito, de uma inconsistência radical do mesmo.⁹

8. HEIDEGGER, Martin. La cosa. In: _____. El ser y el tiempo. Buenos Aires: Siglo Veinte, 1951. Texto em .pdf.

9. RECALCATI, Massimo. *Clínica del vacío. Anorexias, dependencias, psicosis*. Madrid: Editorial Síntesis, 2003. p. 13.

Ainda pensando o desejo enquanto libido, encontramos relatos de relacionamentos nos quais o sexo é visto como uma forma de queimar calorias.

Com Recalcati, podemos propor que essa dispersão do sujeito é como estar à deriva no virtual. Uma deriva que é sem-limite do gozo, mas também, e talvez, um modo de “safar-se da demanda asfixiante do Outro”¹⁰. Aqui caberia uma articulação entre falta, vazio e nada. Mas por hora pinçaremos apenas o nada da anorexia, o comer nada como “rechaço à demanda do Outro para defender o desejo”¹¹, isso quando não se trata da nadificação do corpo mesmo, da redução do desejo a nada. Comer nada, deslizar no vazio...

Etimologicamente, anorexia significa ausência do apetite ou inapetência, ou ainda ausência do desejo. Esta última definição parece mais apropriada para pensar demanda e desejo na relação que a anoréxica estabelece com a comida, o que remete à própria relação

10. Idem, p. 22-23.

11. Idem, p. 26-27.

com o Outro materno, ou seja, às operações de alienação e separação na constituição do sujeito. A recusa à comida enquanto objeto da necessidade em lugar do amor fica patente, por exemplo, na comunidade intitulada PREFEIRA KBEÇUDA DOQ BARRIGUDA, quando, na sua descrição, registra que essa comunidade é para:

todos que convivem com TAs (no kso ana e mia) e tentam lidar com isso da melhor maneira possível. rs. Esta comuna é para trocar idéias e interagir, sem julgar. É para você que adora ossos, toma anfetamidas, laxantes, chás, faz NF ou LF, acredita que a “comida é inimiga da perfeição” [...]

Em MALDITA COMIDA, outra comunidade de 1.683 membros, a descrição diz que “Se vc non é magra vc non é atraente [...]; Vc deve contar suas calorias; O que a mídia diz é o mais importante; Sendo magra e non comendo, são as coisas q irão lhe trazer poder e sucesso!”. Ainda pensando o desejo enquanto libido, encontramos relatos de relacionamentos nos quais o sexo é visto como uma forma de queimar calorias. Isto é, a recusa à comida de alguma maneira associa-se à recusa à parceria amorosa, o tal “curto-circuito” de que falamos inicialmente. Sobre isso é ilustrativo o que escreve Vivaanna em seu blog NÃO PERTURBE TENHO ANNA:

Perdi meu namorado por causa dos meus ossos... preferi meus ossos ao meu namorado... sempre me falaram homem não gosta de ossos... tudo bem acho que nem gosto de homem mesmo! Homens não sabem fazer uma mulher feliz por muito tempo!!

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman faz uma releitura da contemporaneidade em *Amor líquido*. Para ele, o homem de hoje é o homem sem vínculos, que, por isso mesmo, precisa conectar-se. Porém essas conexões estabelecidas por iniciativa própria, esses “relacionamentos de bolso”, não possuem o estatuto da permanência. A hipótese que este texto levanta é que essa fragilidade de laços, essa precariedade, é propriamente o que favorece a proliferação de comunidades virtuais de sintoma social na época do Outro que não existe. A velocidade das conexões e desconexões também tem seu lugar nesse gozo. “Semear, cultivar e alimentar o desejo leva tempo (um tempo insuportavelmente prolongado para os padrões de uma cultura que tem pavor em postergar, preferindo a ‘satisfação instantânea’”, diz Bauman¹². Em outra obra sua intitulada *Comunidade*, Bauman sustenta que “comunidade é nos dias de hoje

outro nome do paraíso perdido”¹³. Mas há um preço a pagar por esse pertencimento, o de uma certa autonomia e identidade. Aqui é interessante observar e também contrapor as comunidades do Orkut aos blogs. Enquanto as primeiras revelam-se predominantemente como ajuntamento de membros dentro de regras definidas, os blogs são mais interativos. As seções de comentários às mensagens postadas em blogs têm funcionado como “comunidades” – há os comentários relativos aos textos e os comentários dos comentários. Isso sem contar que muitos dos visitantes são frequentadores assíduos.

O ciberespaço modela o vazio, à semelhança da jarra de Heidegger. E cada vez que esse espaço é percorrido, à deriva ou não, há um remodelamento contingencial desse vazio. O espaço virtual é fluido, contingente, mutável, proporciona um deslizamento que escapa ao todo. Como o dispositivo que rege a cibercultura é a interconexão, considerando a não-totalização e a descontinuidade, temos que esse fluir à deriva conduz a uma quebra do sentido, ao sem-sentido, mas também a um sem-limite voraz, ao sem-limite do gozo do sintoma, do gozo do Um. O ciberespaço, por

ser aberto, diluindo fronteiras e deslizando por esse vazio sem-limite, é *pharmakon*, veneno e remédio na observação das comunidades virtuais de sintoma.

Para concluir, uma mensagem postada por Mickaella Ossos e Canela no seu blog em 22 de agosto deste ano:

Cheguei aos 40 [quilos] Porém: Quinta-feira: Não senti minhas pernas, rastejei e depois desmaiei, parei no hospital... Minha mãe brigou comigo, me pôs no carro e me levou a uma clínica psiquiátrica para fazer tratamento, aquilo foi terrível, só tinha “doido”. Sexta-feira: Fui à Psiquiatra, ela me falou da doença e do tratamento, encaminhamento a uma nutricionista... Ela falou: “nossa vc tá muito magra, tem que engordar, assim nenhum menino vai te querer”. Ai que vontade de dá um soco naquela vaca velha! Aí eu vim aqui... (Enquanto escrevo sinto falta de ar...) E resolvi escrever porque eu não consigo dar um ponto final a esse blog, isso é tão estranho como disse a uma amiga: Eu não consigo nem aperta um delete... O que para muitos é menos de um segundo... Para mim é uma eternidade! Eu não consigo! Bjs.

12. BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. p. 26.

13. BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 9.